

# INTUIÇÃO E CIÊNCIA

Nossa curiosidade pela natureza das coisas é uma característica inata do ser humano, que começa a delinear-se desde a infância, quando constantemente nos perguntamos o porquê de todas as coisas. Com o tempo, essa curiosidade inata evolui para o imaginário da juventude que, parafraseando o biofísico venezuelano Raymundo Villegas (1931-2014), começa a se transformar na capacidade criativa do futuro pesquisador científico, fortalecendo-se com estudo e disciplina.

Essa atração pelo escrutínio dos segredos do universo levou muitos de nós a nos dedicarmos à pesquisa científica, especializando-nos cada vez mais em aspectos recônditos do conhecimento. Para isso, fomos altamente treinados para conhecer cada vez “mais de menos”, seguindo o método científico aceito de observação e experimentação.

A atividade científica moderna é altamente estruturada em torno do que o filósofo americano Thomas Kuhn (1922-1996) chamou de “paradigma científico” (*The structure of scientific revolutions*, 1962). Kuhn observou que a comunidade científica é extremamente homogênea e muito conservadora. Está composta por membros que se formam nas mesmas universidades, participam dos mesmos congressos, leem as mesmas revistas, e têm seus projetos e artigos revisados e aprovados por colegas (pares) que pensam o mesmo que um. Esta situação cria um paradigma de “ciência comum” que, embora certamente preserve a qualidade da ciência, não é necessariamente a melhor forma de estimular a inovação.

No entanto, promover ideias inovadoras (“*out of the box ideas*”) pode ser arriscado. Se algumas dessas ideias receber uma doação (o que é raro), o risco de fracasso é muito alto. Vale ressaltar que a mesma comunidade científica que valoriza muito a criatividade e inovação é, ao mesmo tempo, adversa ao risco. Mas, de acordo com Kuhn, o verdadeiro avanço científico ocorre quando surge de um novo paradigma que é mais satisfatório do que aquele que atualmente orienta o trabalho da comunidade científica.

A atividade científica está dirigida para a busca de novos conhecimentos. Em geral, esse novo conhecimento é resultado da evolução progressiva do conhecimento existente, muitas vezes reavaliado ou analisado com novas abordagens, onde a intuição do investigador desempenha um papel fundamental. A definição da Real Academia Espanhola de Línguas define intuição como a “faculdade de compreender as coisas instantaneamente, sem a necessidade

de raciocínio”. Mas talvez esta definição oficial não dê crédito suficiente ao fenômeno da inteligência inconsciente que todos conhecemos como intuição, palpite, pressentimento, que segundo Gerd Gigerenzer (1947-) se caracterizam por:

- Aparecer rapidamente na consciência
- Não estar claramente suportado pela razão ou conhecimento, e
- Ser suficientemente forte para nos impulsionar a agir.

O psicólogo alemão Gerd Gigerenzer (*Gut Feelings, the intelligence of the unconscious*, 2007), argumenta que uma grande maioria de nossas decisões diárias são guiadas pela intuição e não por um cuidadoso exame do conhecimento prévio. Apesar de os cientistas gabarem-se de serem totalmente racionais, e de aterem-se exclusivamente aos fatos, no desenho de uma nova hipótese de trabalho normalmente incluem algum componente intuitivo que faz com que o projeto de pesquisa seja mais atraente e diferente de outros projetos.

Em conversa com o diretor de um dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, ele confessou que um dos segredos que mantem a criatividade da ciência nos Estados Unidos não era necessariamente pelo que é financiado pelas bolsas e sim por causa das ideias inovadoras que não são financiadas, mas que o pesquisador explora ao lado do projeto, com uma pequena porcentagem do dinheiro obtido com a bolsa oficial.

Um fenômeno normal em nosso meio é que um cientista almeja a possibilidade de que uma ideia totalmente nova, que não ocorreu a ninguém antes, resulte em uma grande descoberta. As coisas não acontecem assim e, embora uma ideia inovadora possa diferenciar o bom cientista da multidão, é preciso tenacidade e persistência para conseguir a evidência que lhe permitam continuar nesse caminho ou, o que é muito mais difícil, abandoná-lo. O imunologista brasileiro-britânico Sir Peter Medawar (1915-1987) já nos lembrava, “Não posso dar a um cientista de qualquer idade melhor conselho que este: a intensidade da convicção de que uma hipótese é verdadeira não influencia nada em si é certa ou não” (*Advice to a young scientist*, 1979).

JOSÉ ESPARZA

Faculdade de Medicina, Universidade de Maryland